

O RATINHO, OU AS AVENTURAS DE UM RITUAL INFANTIL¹

JULIE DELALANDE*

RESUMO

Na França, a perda dos dentes de leite é acompanhada de um ritual que se desenvolve essencialmente à noite: diz-se que o ratinho pega o dente caído e escondido sob o travesseiro da criança e troca-o por uma moeda ou um doce. O acontecimento é ocasião de dois fenômenos *a priori* contraditórios: ele possibilita às crianças se tornarem grandes ao passar pela prova da perda e adquirirem seus dentes permanentes, mas ele as mergulha uma segunda vez no universo onírico da infância através da crença em um personagem imaginário, o ratinho. O ritual procede, portanto, ao mesmo tempo da cultura infantil e de uma socialização da infância visando a sua aceitação no mundo dos mais velhos.

PALAVRAS-CHAVE: Ritual, cultura infantil, dente de leite, ratinho, socialização.

INTRODUÇÃO

A queda do primeiro dente de leite, por volta dos seis anos, marca a criança. Na França, uma prática ritual acompanha esse acontecimento: coloca-se o dente sob o travesseiro e, à noite, um familiar o pega e deposita em seu lugar uma moeda ou um presente. É dito à criança que o ratinho passou por ali.

Até a idade de dez anos aproximadamente, a criança troca progressivamente os dentes de leite pelos dentes permanentes, e cada uma das perdas – ou quase – é seguida da mesma prática. Durante esse período, sua percepção do acontecimento corporal e sua crença nesse personagem imaginário evoluem.

A questão do ritual é um grande clássico da antropologia, mas o mundo infantil permanece pouco explorado. Este trabalho é, portanto, o resultado de uma pesquisa de campo junto a crianças de idade entre cinco e oito anos, em escolas parisienses, do pré-escolar (CP) às

¹ Tradução de Ana Cristina Coll Delgado (com revisão de Fernanda Montagna) – FURG – e Rita de Cássia Marchi – FURB.

* Etnóloga; professora de Ciências da Educação, Université de Caen – Basse-Normandie; pesquisadora do CERSE (Centre d'Études et de Recherche en Sciences de l'Éducation).

primeiras séries do ensino fundamental² (CE1). A cada encontro eu me apresentava a elas, interessada em ouvir tudo o que fosse dito sobre a perda de seus dentes de leite e, mais especificamente, sobre o momento da perda. Rapidamente, elas começavam a falar sobre o ratinho e a maioria parecia praticar o rito. O discurso coletado no momento das entrevistas em pequenos grupos mostra que os mais jovens se encontram mais próximos do personagem do ratinho e dão informações abundantes sobre o desenrolar dos atos, sobre seu sentimento em relação à perda e sobre o imaginário que desenvolvem em torno do personagem do ratinho. Depois, pouco a pouco, como em relação ao Papai Noel, a dúvida se instala no seu espírito até que eles abandonam suas crenças infantis. Mas as desconfianças, depois as incertezas, nem sempre bastam para fazê-los renunciar ao prazer de crer e de prolongar ainda um pouco mais o ritual³ de sua infância.

UMA EFICÁCIA SIMBÓLICA CONTÍNUA

Uma das raras pesquisas históricas sobre o ratinho foi conduzida por Françoise Loux e relatada em sua obra *O ogro e o dente* (1983). Ela explica como, na França tradicional, se colocava o dente em uma cavidade, confiando-o à terra. O mais simples era colocá-lo em uma toca de camundongos, facilmente encontrada nas casas. Dizia-se então: “Ratinho, eis um dente meu, dá-me um dente ainda mais belo”, ou: “Ratinho, eu te trago um dos meus dentes, dá-me um outro”. Algumas vezes, era deixada uma pequena moeda como pagamento ao ratinho pelo serviço prestado. Acreditava-se que, se o dente fosse tomado por um animal, nasceriam na criança dentes como os dele. Assim, oferecer algo a um ratinho era assegurar à criança uma dentição saudável e sólida. Em certas regiões, o dente era colocado sob o travesseiro. Ele era, às vezes, atirado ao fogo, acompanhado dos seguintes dizeres:

² Pesquisa realizada junto a uma população de classe média. Os alunos do sexto ano (início do colégio que, na França, acolhe as crianças a partir de dez ou onze anos) fizeram, igualmente, a meu pedido, uma redação sobre o assunto. Também entrevistei professores e, por questionário, pais. Alguns aceitaram de bom grado, na seqüência, ser entrevistados por mim por telefone. Consultei igualmente um dentista e um psicanalista sobre o assunto. Enfim, conduzi uma pesquisa comparativa junto a estudantes de vinte e sete nacionalidades diferentes, por questionário, seguido, em alguns casos, de uma entrevista. Este estudo foi efetuado por ocasião de minha graduação em etnologia (1990, Universidade de Paris X, Nanterre).

³ Retomando a distinção feita por Jean Cuisenier (1998, p.10), emprego o termo “rito” para designar uma prática codificada e “ritual” para falar do produto da codificação dos ritos.

*Olhe, fogo, eis aqui meu dente,
Devolva-me em um mês,
Um branco como a prata*

O fogo não queima o dente; ele permite que o dente retorne à gengiva, mais belo ainda, graças às chamas. Acontecia de a mãe colocar o dente sob um copo virado em cima do aparador e dizer: “O ratinho branco vai te trazer vinte tostões”. Estando a criança de costas, a mãe substituía o dente – que ela jogava ao fogo dizendo a fórmula habitual – por uma moeda.

Hoje, a população tornou-se majoritariamente urbana e habita imóveis livres de ratos. O dente não é mais posto em uma toca de ratos ou lançado ao fogo; é deixado sob o travesseiro da criança. Na França tradicional, esse costume tinha por objetivo ver despontar, no lugar dos dentes de leite, belos dentes brancos. Hoje, o rito procura sobretudo satisfazer a criança compensando sua perda por uma moeda. Ele subsiste porque soube se adaptar às mentalidades contemporâneas e ao desenvolvimento econômico. O animal real é tornado imaginário e a história que o coloca em cena é uma espécie de conto de fadas. Pelo menos é o que se pode concluir se nos ativermos ao discurso dos adultos. Todavia, se dermos a palavra às crianças, percebe-se que o que as motiva a fazer perdurar o ritual e a nutrir a mitologia que o cerca é a eficácia presumida do cerimonial. Como as crianças e seus pais na França tradicional, elas esperam que o rito permita que o dente definitivo irrompa e fazem analogia entre o dente branco do ratinho e o que elas gostariam de ter. Dando seu dente ao ratinho, elas introduzem uma dimensão sobrenatural ao acontecimento, além de buscar a proteção desse animal, tornado aos seus olhos personagem mitológico. Como isso supõe uma ponte com um “outro mundo” do qual faz parte o ratinho, o cerimonial pode ser qualificado de ritual⁴.

Se hoje os pais têm um saber racional a respeito da troca de dentição, as crianças não o têm tão facilmente: a angústia da perda necessita do ritual para ser suportada. Para os adultos, o fato marca, sobretudo, a passagem de uma criança pequena, ainda próxima do bebê, a um indivíduo que chegou a certa maturidade e cujas transformações corporais anunciam o adulto que nele está latente. A

⁴ Concordo uma vez mais com a definição de J. Cuisenier (op. cit., p. 14), que usa a palavra *ritual* para nomear, “com todo o rigor, o cerimonial cujo protocolo tem como fim articular a comunicação entre atores sociais dos quais alguns são os seres que têm por lugar próprio este mundo: os seres humanos, e outros, os seres cujo lugar próprio é o outro mundo, qualquer que seja a figura, imponente ou familiar, que neste mundo toma sua aparência”.

odontologia substituiu a superstição e é ao dentista que os pais pedem para dar a seu filho uma dentição saudável. Alguns o procuram para que ele extraia o dente de leite frouxo de seu filho, como se, independentemente de época, fosse difícil não se confiar o acontecimento a uma pessoa qualificada.

O CARÁTER INICIÁTICO DA PERDA

A perda do primeiro dente de leite é vivida pelas crianças como uma passagem inicial da qual falam, sobretudo, aquelas que ainda não o perderam. As entrevistas com os pequenos alunos da pré-escola revelaram sua impaciência, misturada a certa apreensão:

Duas meninas:

– *Quando eu tiver cinco anos tem um que vai cair.*

– *Quando eu tiver seis anos tem um que vai cair.*

Dois meninos:

– *E tu perdes todos os teus dentes, e depois assim tu cresces, tu deixas a escola.*

– *Se todos os dentes caem ao mesmo tempo, a gente não poderá mais falar.*

– *René, ele que tem cinco anos já perdeu um dente (...). Se perde os dentes até dez anos. Após vêm os dentes grandes. Tu tens os dentes de bebê (a uma outra criança). É o menor de toda a classe. Jeremy, ele tem um que está nascendo.*

Antes de perder seu primeiro dente, as crianças são, portanto, preparadas para o acontecimento. Seus pais lhes explicam por que se perdem os dentes de leite e contam a história do ratinho. Os filhos caçulas aproveitam a experiência de seus irmãos e irmãs para imaginar o fato e construir sua imagem do ratinho. Mas, ainda mais que em casa, a escola é o lugar de debate e de comparação, onde cada um enriquece o imaginário coletivo. E quaisquer que sejam as angústias que acompanham a idéia da perda, esta parece necessária para a inserção no grupo dos mais velhos.

Assim, a primeira experiência da perda toma a forma de um rito de passagem, outrora tão mais importante que só o primeiro dente de leite era objeto do rito. Hoje o rito não se restringe à perda do primeiro dente – ele é repetido ao menos na perda dos primeiros. Mas a transformação física é acompanhada sempre de uma modificação social, de um novo olhar dos pares sobre aquele que se junta ao grupo dos desdentados. Pela referência comum da prática ritual que acompanha a perda, o acontecimento individual torna-se um caso coletivo.

Durante as entrevistas com as crianças na escola maternal, a narrativa da perda por uma delas acarreta o silêncio aprovador dos pares:

- *Eu o arranquei com a mão... é bem melhor* (um menino)
 - *Eu tinha arrancado meu dente com a língua, sozinha* (uma menina).
 - *Quando eu perdi meu dente, dentro de minha boca eu senti alguma coisa muito, muito dura, ele estava entalado, depois ele caiu* (um menino).
- Um menino e eu:
- *O segundo dente que está no alto, eu mordi uma maçã e ele quebrou.*
 - *Isso te fez mal?*
 - *Sim, eu tinha sangue.*
 - *Isto te deu medo?*
 - *Eu não chorei mas eu tive medo.*
 - *Por quê?*
 - *Porque eu acreditava que isso vinha da boca, o sangue.*

A perda do primeiro dente de leite aparece, portanto, como uma prova que se celebra por ter sido passada sem grandes dificuldades, sobretudo face aos não-iniciados. Contudo, ela deixa a criança com um buraco; desse modo, o alívio de ter sabido enfrentar a queda do dente é rapidamente substituído pela angústia de ficar sem o dente.

Um menino me conta:

- *Eu tenho um irmão que tem oito anos, ele perdeu os dentes, eles nasceram de novo. E depois, quando eles nasceram, ele estava contente, e eu não estou contente porque os meus ainda não nasceram.*
- *Tu querias que ele nascesse? Por quê?* (silêncio). *Tu achas isto embaraçoso, ter um buraco?*
- *Não*
- *Então, por quê?* (sem resposta)

Duas meninas:

- *Não é engraçado porque o tubarão, quando o dente cai, bem ali nasce um.*
- *Antes eu era bebê, depois eu cresci, mas agora o dente não pode crescer.*

Ao pensar que a perda pode projetá-las diretamente no mundo dos grandes, as crianças descobrem que um período de espera – penoso e instável – as aguarda após esta primeira prova. Escutando-as, percebe-se que perder um dente aparece como o início de uma aventura que não terminará até que o primeiro dente permanente desponte. Se tivessem os meios, essas crianças certamente concordariam com o folclorista Arnold Van Gennep (1909), que conceituou a idéia de rito de passagem, para dizer que entre essas duas fases extremas o rito funciona como uma prova de separação do mundo dos pequenos e, depois, de agregação dentro do mundo dos mais velhos. O ratinho,

portanto, vem acompanhar a criança durante o período à margem e compensa sua perda por uma moeda.

Os pais têm consciência da dificuldade de perder um dente e, nas pesquisas por questionários, dizem freqüentemente preferir que ele caia por si mesmo, de maneira natural. Eles têm medo de fazer mal, temem essa espécie de *amputação*, ou desejam simplesmente que a criança aja por si mesma. Uma mãe descreve claramente a importância de guardar o dente caído para poder exibi-lo e demonstrar assim, aos olhos de todos, que se conseguiu vencer a prova.

Ele gosta de mostrar o que se passou com seu corpo. De fato, ele nos confia seu corpo até uma certa idade (...) Ele expõe seu dente para dizer que venceu esta prova um pouco traumatizante. Se ele o perde, ele não tem mais nada a mostrar.

Enfim, a maneira de nomear evidencia bem a passagem de um mundo a outro e a transformação interior que a acompanha:

Eu pergunto às crianças:

– *Todos os dentes caem?*

– *Não, só os dentes de leite de quando se é pequeno. Quando se é grande eles não caem mais.*

– *Por que são chamados assim os dentes de leite?*

– *Porque são os dentes de quando se é pequeno.*

– *E os outros, como eles se chamam?*

– *Os dentes de carne!*

Possuir os *dentes de carne* significa, portanto, ter vivido uma transformação psicológica necessária à mudança de alimentação. É provar aos olhos de todos que se cresceu. A criança se desliga definitivamente do leite de sua mãe e prepara sua inserção no mundo dos adultos.

O RATINHO: UM PERSONAGEM FANTASMAGÓRICO

Na França, a perda dos primeiros dentes de leite corresponde, mais ou menos, à entrada no curso preparatório (CP), aos seis anos. A criança deixa a escola *maternal* e se prepara para tornar-se um ser racional, graças ao ensino escolar que recebe. Assim, a crença no ratinho pode ser considerada uma contradição: no momento em que a criança demonstra que cresceu ao mudar de dentição, o ritual que acompanha a perda de seu dente mergulha-a em um mundo imaginário, irracional. Na realidade, o período no qual o ratinho tem mais importância em seu discurso é o que precede à primeira perda de um

dente de leite, ou seja, por volta da idade de cinco anos.

Da mesma maneira que a mudança de dentição torna-se um acontecimento coletivo, aqui se percebe a importância do grupo no imaginário infantil. Sem dúvida, também, em minhas entrevistas sobre o tema, como etnóloga, participo na revitalização das tradições e busco favorecer sua transmissão. Nossa discussão lhes permite particularmente pôr à prova sua percepção individual do ratinho, mas é apenas no CP que elas sentirão a necessidade de concordar sobre as variantes aceitáveis, para construir uma representação comum do personagem.

Antes da unificação dos discursos, é no pré-escolar que a descrição do ratinho é a mais rica em imaginação:

Palavras dos meninos:

– O ratinho é bem pequeno. *Ele tem asas, um capacete, eu vi nas pequenas Schtroumfs, uma varinha mágica.* Para transportar o dente, *ele o transforma em um bem pequeno e quando ele está em sua casa ele o retransforma como antes.* É ele que *o transforma em dinheiro ou em brinquedo para dar às outras crianças que perderam um dente. Ele faz abracadabra e muito dinheiro, bloum!*

As meninas:

– Alguns pensam que um outro ratinho passa com ele e o ajuda a transportar o dente, ou ainda que ele o dá a seus filhotes. Diz-se também que *ele os dá a outros ratinhos para que eles construam sua casa, que ele faz colares e os vende às lojas e os entrega à noite.* Ele pode fazer os colares, as varinhas, ou ainda *um ratinho de pelúcia com os dentes colados.*

Assim, o ratinho é mágico, e não somente ele vem procurar o dente e depositar alguma coisa em troca, mas o que ele oferece é o resultado de uma transformação mágica do dente em um objeto precioso. O dente de leite é, portanto, um bem de valor que serve de moeda de troca na transação que a criança faz com o ratinho. Ele mesmo não perde os dentes porque tem apenas um na frente. Porque, se ele o perder, *se dirá que ele é uma velha vovó que faz aboua aboua!* (uma menina).

O ratinho é um animal familiar mas noturno, que habita nosso teto e que, contudo, quase nunca é visto. Ele usa nossa casa como se fosse sua:

Uma menina:

– *Se lavam (sic) no banheiro, depois quando vêm pegar o dente eles roem o pão e o queijo; se lavam, aqui na nossa casa, tomam banho.*

Um menino:

– *Sua toca é no seu quarto...*

Para outro menino, sua casa *está em cima dos televisores.* O ratinho é tão misterioso que *não se pode vê-lo. Porque ele caminha suavemente. Ele não faz mesmo barulho porque ele é bem pequeno.*

Oscila-se, assim, entre o medo e o desejo de vê-lo. Um menino que ainda não perdeu o dente exprime a inquietação provocada pela presença do ratinho próximo de seu rosto quando ele estiver dormindo, sem defesa:

– Não faz mal. Eu percebo tudo. Eu me levanto em seguida e vejo o ratinho. Eu vejo vários. Eu sinto que há um ratinho que me tira o traveseiro.

O discurso das crianças do maternal mescla sem distinção aparente o ratinho mágico e o animal real. A confusão é alhures mantida pela literatura infantil e pelos filmes que põem em cena ambos, humanizando-os. Sem dúvida o encontro entre uma criança e “um ratinho” alimenta sua imaginação na construção mística do “ratinho”:

*– À noite eu abro os olhos e há ratinhos passando.
– Eu queria ver este ratinho.
– Eu já vi um ratinho.
– Eu já vi um ratinho na rua.
– Eu já vi um ratinho envenenado em um sótão, ele estava morto, envenenado por um alimento.*

A história do ratinho se integra perfeitamente na representação do mundo das crianças de cinco anos, na qual a ruptura entre o real e o fantástico ainda não existe e as grandes figuras da mitologia infantil podem encontrar-se graças à narração comum de duas meninas:

*– Eu tinha dito um ratinho, mas ele era o mesmo, mas ele era um outro, que habitava muito longe.
– É parecido comigo então, mas eu não tinha dito isto.
– Sim, mas o meu mora no céu.
– Eu também.
– Eles foram para o céu, os teus estavam em uma caverna, mas eles foram para o céu.
Eu pergunto:
– Como eles fazem?
– Lá eles correm e fazem abraçadabra!
– Para mim, os ratinhos têm asas.
Eu pergunto:
– O que eles fazem no céu?
– Eles se deitam e moram no céu.
– O Papai Noel lhes empresta seu trenó!
– E depois ele lhe toma os dentes que estão em cima.*

Esse diálogo nos mostra como, por volta da idade de cinco anos, as crianças não procuram ainda unificar suas palavras, mas enriquecem,

ao contrário, sua percepção individual através dos acréscimos das demais. A tentativa de construção comum entre as duas meninas carrega muito de seu desejo de imitar o outro. Elas buscam, sobretudo, cumplicidade, em detrimento da construção de uma imagem coerente do ratinho⁵.

Assim, no curso das minhas entrevistas com as crianças da escola maternal, jamais a história do ratinho é colocada em dúvida, jamais me dizem que o ratinho *são os pais*. Esse personagem ocupa, ao contrário, a cena principal, enquanto as histórias de dentes são relegadas ao segundo plano. O ritual parece, em si mesmo, sobretudo alimentar o imaginário ligado ao animal mitológico e o que advém da sua dimensão mágica. É apenas quando as crianças começam a perder regularmente seus dentes de leite que o ratinho é desmistificado. Nesse momento, o rito e o presente que o acompanha passam a ser o centro dos discursos.

No Ensino Fundamental, as palavras recolhidas evoluem e se racionalizam. As descrições do ratinho se reduzem a alguns elementos-chave, e o peso do olhar dos outros se intensifica. A criança não se exprime mais livremente em função de sua imaginação, ela responde a uma imagem dependente do fato de pertencer a um grupo cultural e a um dos dois sexos. As crianças originárias de um país estrangeiro hesitam em reconhecer que elas não praticam o rito e preferem freqüentemente se reservar a possibilidade de participar na discussão em torno do animal mágico. Uma menina africana, que começara por dizer que o ratinho não passava em sua casa, finalmente explicou como tinha posto seu dente sob o traveseiro. Ela conseguiu suscitar todo o interesse de seus colegas, ao contar que havia visto o ratinho.

O CP é também uma classe transitória quanto à crença. A dúvida se insinua docemente nos espíritos e as entrevistas com as crianças revelam uma convivência improvável entre dois pontos de vista, às vezes numa mesma pessoa. Muitos são os que aproveitam que a dúvida não seja muito forte, para fazer durar uma concepção infantil do mundo em que a distinção entre o mágico e o racional não existe. Com os três grupos entrevistados, começávamos por contar as histórias de dentes e do ratinho, dando os detalhes sobre suas características e seus hábitos, e bruscamente uma criança dizia em alto e bom som que o ratinho não existia. Sua declaração nem sempre provocava reação. Em dois grupos, as crianças foram indiferentes à observação e continuaram a falar sem se preocupar. No terceiro, a afirmação provocou um debate animado entre os meninos:

⁵ A imitação como meio de criar uma relação é descrita na minha obra sobre o espaço da recreação.

– *Eu, minha irmã, o ratinho, ela diz sempre que ele não existe. Ela diz que são os pais que fazem isso, eu não acredito no ratinho, ela diz que isto é uma história. Bom, eu também não acredito nisto. Eu tenho certeza de que são os pais.*

– *Ele não existe, eu acredito que são os pais que nos contam histórias. É uma história.*

– *São os pais!*

– *Não, não importa!*

– *O ratinho existe de verdade, são os pais que dizem!*

– *Ele não existe de verdade.*

– *Sim.*

Dirigem-se a mim:

– *Hein, é verdade que são os pais? (sem resposta)*

– *Não são os pais.*

– *Eu acredito.*

Uma menina continua, naturalmente, sem que o debate precedente a tivesse perturbado:

– *Quando os ratinhos vêm para pegar os dentes...*

Esse diálogo mostra a dúvida que reina no espírito das crianças de seis anos, mantida pelo fato de que os ratos são animais que existem realmente. Tendo suas próprias idéias, elas procuram também sondar o ponto de vista do outro e obter junto a mim novos indícios. Mas, é somente no CE1, no ano seguinte, que eles se desligam do mundo imaginário ligado à crença, onde sustentar a existência de um animal mágico diante de seus pares começa a ser desvalorizado, porque associado a um discurso de pequeno.

As crianças não são as únicas a manter a crença. No decorrer de minhas entrevistas, alguns pais me disseram não ter pressa de ver seu filho abandonar uma relação privilegiada com o imaginário, talvez por nostalgia de sua própria infância, quando eles não estavam constrangidos ao racional.

Uma mãe:

– *Ele não acredita mais em Papai Noel, assim como duvida do ratinho, mas ele pensa certamente que se não acredita mais, isso será menos bonito (...) De toda forma, ele sabe que isso não é verdade, mas é um fim progressivo.*

Um pai:

– *Todo o mundo tem vontade de crer nisto (...) é uma comunicação no nível do segredo compartilhado, do não-dito (...) é uma maneira de voltar à lógica mágica do menino.*

O adulto e a criança trabalham juntos, portanto, para proteger a crença e perpetuar a *mágica* para dar ao ritual todo o seu sentido.

O CE1 é a classe da desilusão. As crianças de sete ou oito anos começam a adquirir distância da história, e o ratinho, como personagem maravilhoso, desaparece do seu discurso, mesmo se eles gostam por vezes de me ver confirmar sua dúvida:

Um menino:

– *Eu tenho vontade de te fazer uma pergunta: Será que é verdade que o ratinho passa?*

Quando se sabe, é talvez porque se viu a mãe trazer o presente à noite. Mais forte que as palavras, os fatos suprimem as dúvidas. A criança pode também encontrar o dente de leite dentro do porta-moeda da mãe ou da avó e compreender, assim, quem era o ratinho mágico. A brutalidade da descoberta é freqüentemente vivida como uma ferida:

Quando se é bebê se diz: isso existe (o ratinho) e depois somos desiludidos (uma menina).

Por vezes os alunos mostram-se irônicos quanto à sua crença passada e brincam de ser bebês. Uns se põem a gritar: “é a Cinderela!”, outro a imitar uma criança de cinco anos: “Eu a vi! Eu a toquei!”. Eles têm uma idéia sobre o que motiva os pais a lhes contar essa história. É, dizem eles, com o objetivo de lhes infundir medo, ou, ao contrário, de fazê-los gostar dos ratos. Porque o prazer da criança será maior se ela pensar que é o ratinho que lhe traz o presente.

Em todo caso, continuam a praticar o rito colocando seu dente sob o travesseiro ou sobre a mesa à noite, e, se aceitam que a mãe substitua o rato, não podem aceitar fazer sua parte do rito sem receber o presente em troca.

– *A última vez, eu perdi dois dentes e ninguém passou! Eu acreditava que viria o ratinho ou minha mãe, ninguém!* (uma menina)

O presente se torna, com efeito, o elemento que encoraja a criança a fazer cair seu dente ou simplesmente a aceitar a perda. Se ela preserva na memória o tempo em que a prova era amenizada pela intervenção do sobrenatural, ela agora tem consciência de que deve fazer o ritual com sua nova lucidez e sabe também que o olhar dos pares a desencoraja de manter por muito tempo o mito, por medo de descobrir o ridículo.

UM RITUAL NO CORAÇÃO DA CULTURA INFANTIL

Antigamente praticado pelo adulto para permitir à sua criança ter belos dentes, o ritual do ratinho é hoje exclusivamente infantil. Ele

compreende, de fato, três elementos fundamentais da cultura infantil⁶.

De início, ele é pensado em torno do crescimento, pois acompanha uma mudança corporal que marca a passagem da criança pequena a criança madura. Não esqueçamos que ele tem lugar nos anos em que o pequeno aluno chega à grande escola e atinge a “idade da razão”. Qualquer que seja a maneira particular com que cada criança vive o ritual, ela o associa à sua agregação ao mundo dos grandes.

Em segundo lugar, o ritual é construído em torno da obtenção de um presente (elemento que permanece um atributo da infância), mesmo se não lhe é reservado. Ele se inscreve em um conjunto de festividades características da infância, das quais fazem parte as festas de Natal e de aniversário, centradas sobre a distribuição de presentes. Se bem que o objeto ofertado em troca da perda de um dente seja de menor importância, ele permanece central na representação que as crianças fazem do ritual.

Enfim, a história é construída em torno de um personagem fantástico que introduz uma dimensão mágica suplementar ao cotidiano da criança. Como Papai Noel, o ratinho está presente em numerosas histórias que os livros e os filmes contam, alguns dos quais associam em um mesmo cenário os dois heróis das crianças⁷. Mas, mais ainda, ele é um personagem da literatura oral que pais e crianças ajudam manter vivo nas histórias que contam a seu respeito.

Pela presença desses três elementos, o ritual tem conseguido resistir à transformação da sociedade e encontrar seu lugar na cultura infantil. Ele satisfaz igualmente o desejo dos pais de acalantar sua criança e de lhe dar pequenos presentes. Ao mesmo tempo em que as crenças antigas diminuíram, a família se modernizou e se organizou em torno da criança. Ora, o rito responde a essa nova configuração mais privada da família, pois, ao mesmo tempo em que é comum a todas as crianças, ele acontece no lar, na intimidade do quarto de dormir.

A dimensão coletiva do rito não parece ter sofrido a fadiga do tempo. Se o acontecimento é vivido em casa, ele se conta no exterior. A escola é um lugar privilegiado onde cada um mostra a seus pares e à professora seu dente mole, onde conta o que o ratinho trouxe.

Minhas entrevistas com as crianças destacaram o problema de se colocar de acordo sobre as regras a respeitar para que o ratinho passe. Assim, a prática ritual é o resultado de uma aprendizagem em que o grupo de pares participa, especialmente na escola maternal.

⁶ Sobre esse conceito, ver J. Delalande, 2001; 2006.

⁷ Ver, por exemplo, o filme de animação francês *O rato do Papai Noel*, de Vincent Monluc (1991).

Palavras de meninos:

Eu vou colocá-lo debaixo de minha cama. Não! Eu me enganei, debaixo do meu travesseiro. Ele pega o dente, depois ele levanta a cabeça devagarzinho, depois ele levanta o travesseiro devagarzinho, depois ele coloca um brinquedinho.

De manhã, a gente encontra o presentinho. Ele pode te dar o que ele quiser. Seja dinheiro, seja um brinquedo. É ele que escolhe.

Diálogo entre meninas:

– Se a gente o vê, ele não dá nada. Se a gente grita forte ele não vem. É preciso dormir. Mas, às vezes, eu durmo e ele não vem.

– Porque é preciso dormir muito.

– Porque é preciso dormir até de manhã.

Os pais estão seguros sobre a origem dessas regras necessárias ao cumprimento do ritual e à sua passagem noturna no quarto da criança. Eles lhe explicam também certos princípios como este da impossibilidade de ver o ratinho... Mas esses elementos são retomados pela criança, que neles vê princípios necessários ao ato mágico. Singularmente, as crianças do maternal, já tendo perdido um dente de leite, somente me relataram exemplos em que o ratinho não tinha passado por causa de uma infração ao bom desenvolvimento do rito.

Ao mesmo tempo em que demonstram preocupação em respeitar as regras, suas reflexões demonstram forte apreensão em torno do acontecimento, desde a queda do dente e seu desaparecimento, quando o ratinho o leva, até a aparição do novo dente em sua gengiva.

– Às vezes eu deixo cair meu travesseiro, então o ratinho não pode passar (uma menina)

Perguntei a uma menina:

– O rato passou para teu irmão mais velho?

– Não, porque ele o colocou (seu dente) em uma caixa.

E a outra:

– O ratinho passou?

– Oh, não. Não, porque não saiu o mesmo dente, então é por isso que eu não estou contente.

O discurso das crianças do CP sobre o ritual pode se resumir a este relato: *– Eu perdi um dente (elas mostram o buraco que ele deixou), eu o coloquei debaixo de meu travesseiro, o ratinho passou, ele me trouxe dinheiro ou um presente.* Frequentemente elas especificam o que ganharam: qual soma de dinheiro, qual presente. Alguns dizem guardar o dinheiro para economizar e poder comprar alguma coisa. Outros afirmam que conservam o bombom trazido, como se desejassem conservar um pouco o objeto que veio substituir o dente, na espera de

que o novo venha a nascer. Abaixo apresenta-se a lista dos presentes trazidos, nos termos empregados pelas crianças (entre parênteses é indicado o número de vezes em que foi enunciado):

Dinheiro (1 vez), um dinheirinho (5), um bilhete (2), uma moeda (3), duas moedas (3), uma moeda de dez francos (2), três moedas de dez francos (2), dez francos (1), cem francos (1), uma barra de chocolate (2), balas (3), óculos dobráveis (1), micromáquinas (carrinhos) (1), um colar (1), um anel (1) e uma pequena flor (1), uma carta (2).

O dinheiro é, portanto, o mais freqüente (se as crianças não estão inventando), e assim o rito faz perdurar a tradição. Sua descrição pelas crianças do CP se racionaliza e tende a se centrar antes sobre o objeto trazido e sobre a chegada do dente. Essa tendência se confirma no CE1.

Qualquer que seja a idade da criança, esse ritual parece ter uma dimensão simbólica privada e outra pública. A primeira permite compensar a perda, a segunda age sobre o estatuto da pessoa. Examinemos cada uma delas.

Como muitos rituais, este do ratinho desdramatiza o acontecimento, propondo uma responsabilidade coletiva do fato individual. De um ponto de vista psicanalítico, graças à moeda substitui-se o vazio pelo pleno. A perda é, com efeito, vivida pela criança como uma das primeiras manifestações físicas de sua fragilidade. Ao mesmo tempo em que concebe seu corpo como um todo, a criança se vê confrontada com uma fração de seu corpo e descobre que uma parte dela mesma pode morrer, ainda que esteja em pleno crescimento. O primeiro dente que cai pode provocar grande uma angústia de morte, um medo da anormalidade ou da doença. O fato de que o ratinho seja um ser que preexiste à sua perda normaliza o acontecimento e afasta a criança da patologia. Por seus poderes infinitos, o personagem mitológico coloca a criança em segurança. Ou antes, ele deveria. Mas a pesquisa junto às crianças mostra que algumas não ficam tranqüilas enquanto não nasce o dente definitivo.

Embora o ratinho não esteja mais associado pelos adultos ao personagem que permite ter belos dentes, sua passagem não é suficiente para tirar a criança da liminaridade⁸. Ele a deixa no limbo, retardando sua agregação, até o dia em que seu novo dente aparece. Será este um sinal de que a eficácia simbólica do ritual está

⁸ Retomando a divisão do ritual em três estados (separação, margem, agregação) definidos por Van Gennep (1909), Victor Turner (1977) propôs falar do ritual como um estado de liminaridade, exprimindo a idéia de que o individuo se encontra então em uma espécie de limbo, sem estatuto. Em certos rituais tradicionais, os homens são, nesse momento, considerados como bebês. Para a criança que está sem seu dente, a analogia é ainda mais realista.

desaparecendo? Ou se pode pensar que ele sempre foi assim, e que, se o ritual acompanha a criança, ele também prolonga o tempo, parcelando-o, não permitindo a agregação da criança no mundo dos grandes até que seu novo dente apareça?

Em todo caso, é dessa maneira que ele surge no discurso das crianças e no de seus pais. Isso nos leva a abordar a segunda dimensão do ritual, o seu lado social.

Vimos como a perda do dente é vivida como uma primeira iniciação ao mundo dos grandes. Essa percepção do acontecimento não é, no entanto, própria dos mais jovens. Ao contrário, são os alunos do CE1 que mais têm insistido sobre a coragem que revela sua atitude no momento da perda. Muitos dizem *arrancar* seu dente; os meninos não hesitam em dramatizar sua narração para mostrar virilidade, vivendo esse desafio como um caminho para a sua masculinidade:

Diz um menino:

– *Um dia, eu tinha um dente mole, peguei um barbante grosso, crac!*
(risos de seus colegas)

Essa percepção do acontecimento não deixa de evocar os ritos de iniciação das sociedades tradicionais africanas, em que as mutilações corporais (entre as quais faz parte a limagem dos dentes) inscrevem sobre o corpo a iniciação dos garotos e lhes permite sua “puberdade social”. Os meninos, por ocasião das entrevistas, aproveitavam minha presença para se pôr em cena, não deixando de insistir sobre a presença do sangue, fator de angústia mas também símbolo de seu heroísmo.

Uma menina:

– *Eu perdi um dente mordendo uma maçã, ele tinha um pouco de sangue embaixo.*

Um menino continua:

– *Porque atrás tem sangue que sai.*

Outro menino exagera:

– *Pshit! O sangue corre por tudo!*

A segunda etapa importante do processo, a passagem do ratinho, aparece, ao contrário, como um ritual para os não-iniciados que supõe uma crença e mantém a criança na infância. Claude Lévi-Strauss (1952, p. 1580) fala sobre o ritual em torno de Papai Noel, mostrando que as crianças são “excluídas da sociedade dos homens pela ignorância de certos mistérios ou a crença – cuidadosamente mantida – em qualquer ilusão que os adultos se reservam o direito de revelar no momento oportuno, consagrando assim a agregação das jovens gerações à sua”. A

iniciação ao saber se torna, então, um sofrimento ou um desencantamento, um abuso de poder dos pais, que decidem a passagem de uma idade à outra. Os pares se impõe às vezes também como iniciadores. Uma aluna na sexta classe deixa transparecer em sua redação um sentimento de ruptura nostálgica. Ela a intitulou “A verdade”.

De manhã, toda contente, olhei sob meu travesseiro, abri o lenço e vi meu dente: o ratinho não havia passado. Então corri para o quarto de meus pais, eles estavam tomando o café da manhã. Eu lhes disse que o ratinho não tinha passado e comecei a chorar. Minha mãe me consolava e me contou que o ratinho eram os pais, então ela tirou de seu porta-moeda uma moeda de dez francos e me deu.

Trocando com os pais seu dente de leite por uma moeda, a criança troca um elemento do corpo de sua primeira infância por um meio de acesso ao mundo adulto. Melhor que um discurso dos pais, ganhar a moeda dos pais significa para a criança que ela deve se tornar responsável. Com a idade, a função simbólica do ritual muda. Os mais jovens que “acreditam nele” sofrem o rito. Os maiores sabem o sentido que eles lhe dão. Ele marca a passagem para o mundo dos grandes.

Do ponto de vista dos pais, o ritual é igualmente importante por sua dimensão social. Eles estão conscientes de que ele é para suas crianças um elemento da cultura infantil, um meio de ser reconhecido enquanto membro de um grupo de pares. Mas eles reivindicam também a inscrição do ritual em uma tradição que une não só horizontal mas também verticalmente. Os adultos dizem, com efeito, perpetuar essa tradição com suas crianças, porque eles mesmos a viveram quando eram pequenos. Eles praticam, portanto, por tradição, porque “é uma boa lembrança” que desejam transmitir à sua progenitura.

Além de ser uma tradição familiar, o ritual é identificado como uma tradição cultural francesa que une também os pais entre si:

Um pai:

– *Como todos os rituais, isto consolida as coisas (...). Se tu não o segues, é um pouco triste. Isto faz parte de um conjunto de pontos de referência no qual a gente vive. Todo o mundo o pratica; se um destes desaparece, é difícil de imaginar.*

Em relação a certos ritos de passagem que legitimam o acesso de um indivíduo a um grupo face a outros que nunca passaram por esses ritos⁹, o ritual que acompanha a queda de um dente de leite tem

⁹ Tal como o rito da circuncisão. Foi para insistir sobre esse aspecto do rito de passagem que Bourdieu (1982) preferiu à denominação de Van Gennep o conceito de rito de

de particular o fato de ser comum a muitas crianças através de diferentes formas culturais. É isso que revela minha pesquisa junto a indivíduos originários de 27 países diferentes¹⁰. Alguns, como nós, conhecem o ratinho (Espanha, Portugal, Itália, antiga União Soviética, antiga Iugoslávia, México, Colômbia, Argentina); os anglófonos o chamam de elfo ou fada (a fada do dente) ou gnomo. Nos países escandinavos (Noruega, Suécia, Dinamarca), o dente é colocado em um copo e se transforma, à noite, em uma moeda. No Níger (entre os Igbo) e no Burkina Faso, assim como no Japão e na Coreia do Sul, o dente é jogado sobre o telhado, acompanhado de uma cantilena em que se pede que nasça um belo dente branco e forte. Pode-se observar a mesma fórmula no Haiti, com a diferença de que neste é invocado o ratinho, e na Bulgária, o corvo. Diz-se:

*Ratinho, toma meu dente e me dá um bonito em troca.
Vem, corvo, pega meu dente e volta trazendo um novo.*

No Irã, o dente é enterrado. Na Rússia, Polônia, Áustria e Alemanha, o dente é guardado, sem que intervenha um ser sobrenatural. Somente um britânico de Hong Kong declara que ele não é conservado.

Quando se pratica o ritual do ratinho ou do elfo, a crença infantil é central e a encenação deve ajudar a criança a viver seu desafio; a moeda dada em troca do dente aparece, segundo os casos, como uma recompensa, uma compensação, uma responsabilização. Nos países onde o dente é jogado sobre os telhados, o objetivo dos pais é o crescimento do dente definitivo e a prática não é acompanhada de um presente para a criança. Se em nosso país o ritual evoluiu até tornar-se infantil, nas culturas da Ásia e África estudadas, a crença no poder do rito e nos elementos sobrenaturais que ele faz intervir parece ser partilhada por todos. Mas o rito é muitas vezes ameaçado de abandono, como na Coreia do Sul, na sequência de uma industrialização muito rápida que parece não deixar tempo para o rito se adaptar às mudanças culturais.

A pesquisa junto aos estudantes estrangeiros permitiu destacar outros ritos em torno do corpo da criança, no momento do nascimento de seu primeiro dente de leite, do primeiro corte de cabelo. Nessas práticas que mostram a importância ligada à estética e à higiene, aparece a idéia de integrar o bebê ao mundo dos seres humanos ao mesmo tempo em

"legitimação", de "consagração" ou de "instituição", destacando a função do rito que separa grupos preexistentes. Aqui, ao contrário, a idéia de passagem parece reunir homens de tradições diferentes.

¹⁰ Esclarecemos que, sendo freqüente somente um representante de cada país, é possível que no interior desses países ocorram variações, não mencionadas pelo informante.

que ele está ainda em fase de construção física, portanto vulnerável. É preciso também ligar o bebê socialmente aos membros de seu grupo, notadamente pela doação do dente de leite (Áustria) ou de uma mecha de cabelo a um membro da família. Substituir a perda do dente de leite no contexto mais largo das transformações do corpo da criança, o fio condutor do ritual, comum às diferentes culturas, significa portanto: humanizar o humano, socializar a criança¹¹.

Em todo caso, o ritual surge para propor um enquadramento social do acontecimento vivido por todo ser humano. Ele permite à criança a exteriorização de um fenômeno que se passa dentro de sua boca e encoraja a ultrapassar a experiência individual criando um laço cultural ente ela e seus pares. Desde então, a criança é convidada a se apossar da prática de seu grupo para reivindicar seu pertencimento a ele. Através de sua experiência cotidiana e a construção de um discurso sobre o ritual, ela se apropria do elemento cultural e participa em sua transmissão ao longo das gerações.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Les rites comme actes d'institution. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1982. p. 43.
- CUISNIER, Jean. Cérémonial ou rituel? *Ethnologie Française: sida, deuil, mémoire, nouveaux rituels*, n. 1, p. 10-19, 1998.
- DELALANDE, Julie. *Un rituel de l'enfance: la petite souris*. Mémoire de maîtrise d'ethnologie dirigé par Georges Augustins, tuteur Béatrix Le Wita. Nanterre: Université Paris X, 1990.
- DELALANDE, Julie. *La cour de récréation: pour une anthropologie de l'enfance*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2001.
- DELALANDE, Julie. Le concept heuristique de culture enfantine. In: SIROTA R. (Dir.). *Éléments pour une sociologie de l'enfance*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006. p. 267-274.
- GENNEP, Arnold van. *Les rites de passage*. Paris: Nourry, 1909.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Le Père Noël supplicié. *Les Temps Modernes*, n. 77, p. 1572-1590, 1952.
- LOUX, Françoise. *L'ogre et la dent*. Paris: Berger-Levrault, 1983.
- TURNER, Victor. Variations on a theme of liminality. In: MOORE, Sally F.; MYERHOFF, Barbara G. (Eds.). *Secular rituals*. Amsterdam: Van Gorcum, 1977. p. 36-52.

¹¹ Esse fenômeno, amplamente estudado pela antropologia, é rapidamente abordado em minha obra (2001, p. 31-36).